

A formação de frases relativas de PP no português oral de Cabo Verde e de São Tomé

Nélia Alexandre¹, Rita Gonçalves², Tjerk Hagemeijer³

(CLUL / FLUL)

Abstract: The large body of work on relativization strategies in European and Brazilian Portuguese contrasts with the scarcity of studies on African varieties of Portuguese. This paper is a corpus-based study of PP-relativization in spoken Capeverdean and São Tomean Portuguese, which are respectively L2 and L1 varieties, exhibiting the strategies described for EP and BP (pied-piping, chopping, resumption), as well as defective copies, in the São Tomean variety. Chopping is the most common non-canonical strategy in all varieties, but we argue that only in São Tomean Portuguese can this strategy be related to more general changes in argument structure.

Keywords/palavras-chave: estratégias de relativização de PPs, português em África, variação, Cabo Verde, São Tomé; PP relativization strategies, Portuguese in Africa, variation, Capeverde, São Tomé.

1. Introdução

Os mecanismos de formação de frases relativas restritivas têm sido amplamente analisados na literatura sobre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB) (e.g. Tarallo 1985; Brito 1991; Kato 1993; Peres & Mória 1995; Kato *et al.* 1996; Alexandre 2000, Kennedy 2007), focando em particular se há ou não aplicação da operação *Move*. No entanto, os estudos sobre construções-Q, concretamente sobre relativas restritivas, em variedades (emergentes) do português em África são ainda escassos e restringem-se essencialmente ao português de Moçambique (PM), onde se observa um processo de mudança linguística que parece privilegiar a estratégia resumptiva (Chimbutane 1996; Gonçalves 1996; Gonçalves & Stroud 1998; Brito 2001), como em (1).

- (1) a. Encontrei uma pessoa **que** não **a** via desde criança.
b. Os carros **que** eu conheço os nomes **deles** são...
(PM, Chimbutane 1996:227 e Diniz 1986, *apud* Brito 2001:125)

¹ Financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia com a bolsa n° SFRH/BPD/67241/2009 e pelo projeto SILC (*Silent Constituents in the Grammar of Portuguese: Acquisition, processing and crosslinguistic variation* – POCTI-SFA-17-745).

² Financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia com a bolsa n° SFRH/BD/73839/2010.

³ Investigador ao abrigo do Programa de Contratação de Doutores para o Sistema Científico Nacional, Ciência 2007/2008 e financiado pelo projeto SILC (*Silent Constituents in the Grammar of Portuguese: Acquisition, processing and crosslinguistic variation* – POCTI-SFA-17-745).

Nesta comunicação, alargaremos o estudo das frases relativas ao português falado em Cabo Verde e em S. Tomé e Príncipe, baseando-nos em *corpora* do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) descritos na secção 3.

O nosso objetivo é mostrar que, nestas variedades, a estratégia canónica de *pied-piping* (2) convive com diversas estratégias consideradas agramaticais à luz da norma, designadamente a estratégia cortadora (3), que é particularmente comum, e as estratégias resumptiva (4) e de cópia defetiva (5), que ocorrem com menor frequência. Esta última estratégia foi apenas encontrada nos dados do POST.⁴

- (2) Não, houve uma ocasião **em que** havia muita cólera, ... (POST)
- (3) a. Esse jornalista **Ø que** estamos aqui a falar, isento, objectivo... (POCV)
b. Depois cheguei um momento **Ø que** eu vi que era vazio... (POST)
- (4) Meu filho foi baptizado no católico e a mulher **que** eu vivo **com ela** também é católica. (POST)
- (5) A própria escola **que** eu estudei **nele**. (POST)

Defenderemos que a preferência pela estratégia cortadora poderá estar relacionada com a reestruturação das grelhas argumentais dos verbos no POST (R. Gonçalves 2010) e que tal facto constitui um contraste com o POCV (assim como com o PE e o PB), variedade em que a presença de relativas cortadoras não está, tipicamente, relacionada com a alteração dessas propriedades nos verbos.

2. O português em África

O contexto sociolinguístico do português falado em África varia substancialmente em função dos territórios nacionais em que é usado. Gonçalves (2005) propõe, embora com a devida cautela, uma divisão do português em África em duas zonas: uma “zona bantu”, que inclui Angola e Moçambique, e uma “zona crioula”, que abrange Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau. Segundo esta autora, algumas das características da formação do português de Moçambique (PM) podem ser generalizadas ao português de Angola (PA). Contudo, esta proposta de unificação não se materializa na plenitude do ponto de vista linguístico. Por exemplo, no PM, a construção de duplo objeto constitui uma estratégia comum de realização do argumento dativo (Gonçalves 1990, 2004, 2010, e.o.), ao passo que no PA se verifica uma tendência para a generalização do uso da preposição *em*, em substituição de *a*, nomeadamente em contextos em que esta funciona como marcador de Caso dativo (Cabral 2005; Chavagne 2005; Brito 2008; R. Gonçalves 2010). Este contraste é ilustrado nos seguintes exemplos:

⁴ Ressalvamos sempre o facto de o *subcorpus* oral de Cabo Verde disponível ser reduzido e o POCV ainda estar em fase de transcrição, o que nos leva a admitir a possibilidade de ocorrência das estratégias de resumpção e/ou cópia defetiva num *corpus* mais alargado.

- (6) Os pais escondem **Ø os filhos** a verdade. (PM, Gonçalves 2010:100)
(7) Você pergunta **Ø uma miúda** o caminho. (Id.:127)
(8) Deu **na mãe** a outra metade. (PA, Cabral 2005:132)
(9) Algumas casas passaram a pertencer **no estado**. (PA, Chavagne 2005:225)

Apresentam-se igualmente alguns problemas para a unificação da “zona crioula”. Contrariamente ao caso de Angola e Moçambique, o contexto sociolinguístico em que o português é falado em Cabo Verde e em S. Tomé e Príncipe é muito distinto: naquele há uma diglossia estável, uma vez que o português é unicamente uma L2; neste assiste-se a um acelerado processo de nativização do português, decorrente da perda de competência linguística nas línguas crioulas, sobretudo nas camadas jovens, cujo *input* tende a ser sobretudo o do português local (R. Gonçalves 2010). Historicamente, o regime de contrato (1875-1975) em S. Tomé e Príncipe terá tido um impacto significativo na formação da variedade de português local, tendo em conta que os serviçais⁵, que em número superavam a população autóctone (cf. Nascimento 2000), adquiriram tipicamente o português como L2, em detrimento do forro.

Embora o número de estudos seja ainda muito limitado, há indícios que apontam para diferenças linguísticas importantes entre o POCV e o POST. Por exemplo, nesta última variedade, tal como no PM, encontra-se um elevado número de construções de duplo objeto (R. Gonçalves 2010) e uma tendência para a transitivização direta das grelhas argumentais relacionada com a perda das preposições funcionais. Estas tendências não se verificam da mesma forma no POCV.

- (10) Criou **Ø criança** tanto problema. (POST)
(11) Entrega **Ø senhor** uma cerveja. (POST)

Para além disso, considerando que o contexto de contacto de línguas também desempenha um papel no português em África, convém frisar que os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné constituem duas famílias linguísticas distintas com um número substancial de diferenças tipológicas entre si (cf. Hagemeijer & Alexandre, no prelo), o que contribui, em parte, para as diferenças encontradas no português local.

Em suma, parece-nos ainda precoce, tendo em conta o número limitado de estudos detalhados, agrupar o português em África em áreas geográficas. Por outro lado, sendo o português em África predominantemente uma variedade não materna, excepto em S. Tomé e Príncipe, a variação linguística encontrada é tipicamente maior do que numa variedade materna e depende de um vasto conjunto de variáveis sociolinguísticas.

3. Os corpora

O presente trabalho teve por base dois *subcorpora* de recursos de variedades africanas do português do CLUL: o *corpus* África e o *corpus* VAPOR (Variedades

⁵ Os serviçais provinham sobretudo de Angola, Moçambique e Cabo Verde, sendo falantes de línguas bantu e do caboverdiano.

Africanas do Português). O primeiro é um *subcorpus* do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (CRPC) que reúne dados empíricos (orais e escritos) das variedades faladas nos cinco países africanos de língua portuguesa. Embora o *corpus* disponha de aproximadamente 3 milhões de palavras, os dados orais constituem apenas 4% do total, com cerca de 25.000 palavras transcritas por variedade. O segundo, em curso, caracteriza-se por reunir apenas dados do português oral informal. Dispõe actualmente de aproximadamente 120.000 palavras transcritas da variedade são-tomense e cerca de 25.000 da variedade caboverdiana.

Embora não quantitativamente equivalentes, em termos de número de palavras, fornecem dados empíricos essenciais para a caracterização das frases relativas disponíveis nas variedades em observação. Assim sendo, o *subcorpus* do POCV usado é constituído por dados do *Corpus* África e do VAPOR e o *subcorpus* do POST, pela sua expressividade, apenas por dados do VAPOR:

Corpora	Dimensão
<i>Corpus</i> África e VAPOR <i>Subcorpora</i> Cabo Verde Oral (POCV)	50.000 palavras (aprox.)
VAPOR <i>Subcorpus</i> São Tomé Oral (POST)	120.000 palavras (aprox.)

Quadro 1: *Corpora* utilizados

4. As estratégias de formação de relativas no POCV e POST: descrição e análise

Nesta secção, apresentamos uma descrição estrutural das estratégias de formação de orações relativas em POCV e POST que servirá de ponto de partida para a análise deste tipo de construções nas variedades do português em estudo, com base no quadro teórico do Programa Minimalista (Chomsky, 1995). Fazemos notar que não iremos discutir neste texto a questão da estrutura que melhor representa as orações relativas⁶, mas adoptaremos a estrutura de elevação (na linha de Bianchi 1999) e assumiremos que estas construções envolvem, tipicamente, a aplicação da operação *Move* (resultando, especificamente, num movimento A-barra) e que exibem as propriedades identificadas em Chomsky (1977 e ss.).

4.1. Estratégia canónica: cópia nula (com ou sem *pied-piping* de P)

Ao considerarmos que a estratégia de relativização que envolve uma cópia nula (com ou sem o *pied-piping* de P) é canónica (em PE), estamos a afirmar que é ela a prescrita pelas gramáticas normativas, tanto para a escrita como para a oralidade. No caso de o elemento relativizado ser categorialmente um DP, a operação de formação da oração relativa não arrasta consigo mais material lexical do que o DP, deixando vazia de

⁶ Ross (1967) propõe uma estrutura de adjunção à direita para o antecedente da relativa (veja-se, a propósito deste assunto, a discussão em Brito 1991), enquanto Kayne (1994), na sequência de Vergnaud (1974), propõe que a oração relativa é complemento de D°, sendo o antecedente da relativa gerado na posição de origem, no interior do CP relativo, e depois movido para *Spec*,CP.

material fonético a posição de origem (cf. (12)). Se a relativização incidir sobre um PP, a operação que vai formar a cadeia-*wh* aplica-se a todo o PP, deslocando-o para *Spec,CP* (cf. (13)).

(12) O livro que tu recomendaste [~~o livro~~] está esgotado. (PE)

(13) A pessoa com quem falei [~~com quem a pessoa~~] ontem desapareceu. (PE)

A partir dos *corpora* consultados, verificámos que estas estratégias estão disponíveis no inventário do POCV e do POST, operando do mesmo modo que em PE.

(14) a. Devido a problemas, eh, profissionais, que ele teve [~~problemas~~] ... (POCV)

b. Um dos maiores constrangimento que eu portanto, com o qual eu deparei aqui [~~com o qual constrangimento~~], é a pressão. (POCV)

(15) a. Há muitas outras coisas que a banda também poderá fazer [~~muitas outras coisas~~].

(POST)

b. Eis a razão por que eu aceitei fazer a formação, a formação em medicina [~~por que a razão~~]. (POST)

4.2. Estratégias não canónicas: cortadora, resumptiva e de cópia defetiva

As estratégias ditas ‘não canónicas’ são aquelas que não correspondem à norma europeia, embora a cortadora e a resumptiva também sejam atestadas em PE (já não só no domínio da oralidade, mas também da escrita⁷).

4.2.1 Estratégia cortadora (P-chopping)

A estratégia cortadora ou de P-chopping é de todas as estratégias não canónicas a mais frequente (vd. Quadro 2 abaixo). Embora considerada marginal na escrita, ela é produtiva (e inclusivamente aceite) na oralidade em PE.

(16) a. tive pouca sorte porque um dos moços Ø que eu escrevi [~~a um dos moços~~], a carta não lhe chegou à mão. (PE, Alexandre 2000:56)

b. Desculpem interromper, mas nós temos aqui uma pessoa Ø que já tentámos falar [~~com uma pessoa~~] hoje à tarde. (Id.:173)

(17) a. Faz umas coisas Ø que eu não gosto [~~de umas coisas~~]. (POCV)

b. Mas os da minha idade, os Ø que eu convivo [~~com os da minha idade~~] na faculdade... (POCV)

⁷ Vd. Peres & Mória (1995) e Alexandre (2000).

- (18) a. Tenho uma moça lá em casa \emptyset que não chamo empregada [~~a uma moça~~].
(POST)
b. Há uma coisa, pilão, \emptyset que costuma-se pisar o milho [~~em pilão~~]. (POST)

As preposições maioritariamente afectadas são tipicamente aquelas que desempenham a função de marcadores de Caso (*a* e *de*), no PE e no POST. No POCV não foram registadas cortadoras com a função gramatical de OI ou OBL, introduzidas por *a*⁸. No entanto, regista-se o corte de preposições com maior conteúdo lexical, como *em* ou *com*, quer no PE, quer em ambas as variedades africanas em estudo. No POST, a preposição *em* é inclusivamente a mais afectada em contextos de adjuntos, como (19).

- (19) Porque há zonas aqui \emptyset que água entra casa [~~em zonas~~], cresce...

De referir ainda que, no POCV, mas não no POST, encontramos ocorrências de uma estratégia contrária à cortadora, i.e., uma estratégia que não apaga a P seleccionada pelo V da oração relativa, mas antes insere uma P no constituinte relativizado (que tem a função de sujeito ou de objeto direto), como em (20).

- (20) a. Cada um faz o que é o melhor, porque tem uma sociedade **em que** [~~uma sociedade~~] protege a integridade física da mulher. (POCV)
b. E isso tem a ver com a confiança **em que** o governo transmite [~~a confiança~~]. (POCV)

Peres & Mória (1995:297) já reportam casos destes, de “adição injustificada de uma preposição ou de uma locução prepositiva ao constituinte deslocado por movimento relativo”, propondo que a P seja suprimida⁹.

Tais casos do POCV poderão mostrar-nos que os falantes conhecem a estratégia de *pied-piping* de P, mas que a regência verbal (potencialmente associada ao movimento do PP seleccionado para uma posição mais alta na frase) é problemática.

4.2.2. Estratégia resumptiva

A resumpção coexiste no PE com a estratégia canónica e a cortadora. No entanto, das não canónicas, ela é considerada como a mais marcada, i.e., menos frequente e mais rejeitada pelos falantes¹⁰. Esta estratégia caracteriza-se por não envolver a aplicação da operação *Move* ao constituinte relativizado, sendo este inserido na base em *Spec,CP*, e a

⁸ Consideramos, porém, a possibilidade de se registar o corte da preposição *a* num *corpus* mais alargado do português de Cabo Verde.

⁹ Os autores referem que, por vezes, a adição de P resulta numa duplicação, a que chamam “anomalia das preposições siamesas”, como em (i), e que encontramos também no POCV, em (ii).

(i) Portugal figura igualmente quase à cabeça dos países **sobre os de que** Espanha tem opinião desfavorável [~~sobre/de os países~~]. (PE, Peres & Mória 1995:299)

(ii) Eu fiz o décimo segundo na escola secundária cónego jacinto, na várzea, foi no ano dois mil e quatro **em que o qual** eu terminei os meus estudos [~~em o ano dois mil e quatro~~]. (POCV)

¹⁰ Cf. Alexandre (2000) e Arim, Ramilo & Freitas (2005).

cauda da cadeia-*wh* ser preenchida foneticamente por um pronome (precedido ou não por uma P) que concorda em número e género com o antecedente da relativa (cf. (22), onde *eles* partilha com *bisavós* ou *avós* os mesmos referentes).

(21) Há técnicos muito bons que as pessoas não sabem [o nome **deles**]. (PE)

(22) Eu nunca tive assim bisavós ou avós que eu tivesse vivido [com **eles**] para aprender aquelas línguas assim antigas. (POST)

De realçar que, embora sendo atestada em PE e no POST (e mesmo noutras variedades do português¹¹), a estratégia resumptiva não foi atestada nos dados do POCV (cf. nota 3 acima).

4.2.3. Estratégia da cópia defetiva

A estratégia da cópia defetiva é atestada apenas no POST e é identificada pela presença de uma forma pronominal invariável (da terceira pessoa do singular, do género masculino) na cauda da cadeia-*wh*. Segundo Alexandre (2009), para o crioulo de Cabo Verde (CCV), a cópia defetiva ocorre apenas em contextos de relativização de PPs, devido ao facto de a língua não permitir (i) *pied-piping* de P em relativas nem (ii) *stranding* (abandono) de P à inglesa.

Nesta estratégia, o pronome que retoma o conteúdo semântico do antecedente é, assim, obrigatoriamente precedido de P, como em (23), enunciado em que *ele* estabelece uma cadeia por ligação com *a própria escola*, sem concordar em género com o elemento relativizado.

(23) [_{Fem, Sing} A própria escola] que eu estudei [_{Masc, Sing} nele]. (POST)

A ocorrência da estratégia de cópia defetiva no *corpus* parece indicar evidência positiva de *transfer* do crioulo, uma vez que este é o único processo de relativização de PPs disponível em forro¹².

4.3. Síntese das estratégias de relativização de PPs nas variedades do português

Apresenta-se em seguida um quadro que dá conta do número de ocorrências de cada uma das estratégias de relativização atestadas nos *corpora* em análise, no POCV, POST e PE, em contextos argumentais e de adjuntos:

¹¹ Vejam-se os exemplos de PB e PM, em (i) e (ii), respectivamente.

(i) Esta é a pessoa que a Maria riu [***dela**]. (Kato & Nunes 2009:90)

(ii) Há algumas questões que não podemos falar [sobre **elas**] numa sala de aulas. (Chimbutane 1996:227)

¹² Pelo contrário, e como dissemos acima no texto, o CCV também exhibe esta estratégia, mas não encontramos nenhuma ocorrência dela no POCV.

Estratégias de relativização de PPs	POCV		POST		PE	
	argumento	adjunto	argumento	adjunto	argumento	adjunto
<i>Pied-piping</i>	12	11	5	31	392	
Cortadora	8	3	39	49	108	119
Cópia defetiva	0	0	0	3 (+ 4)	0	0
Resumptiva	0	0	3 (+ 4)	0	23	14
TOTAL	20	14	47 (+4)	83 (+4)	656	20

Quadro 2: Número absoluto de ocorrências nos *corpora* consultados, por estratégia

No que respeita à estratégia canónica do PE, verifica-se que esta é comum a todas as variedades em observação, embora o *pied-piping* argumental seja pouco expressivo no POST. De facto, não se revela excepcional que a variedade do português de S. Tomé apresente a possibilidade de a estratégia cortadora operar sobre DPs precedidos de preposições, cujas funções sintáticas são de OI e OBL. Contudo, se atentarmos nos verbos dos enunciados em que ocorrem relativas cortadoras, bem como na subcategorização que estes fazem dos constituintes realizados à sua direita, é possível estabelecer que este fenómeno pode estar relacionado com a tendência geral para a transitivização direta no POST. Nesta variedade linguística, verifica-se uma perda substancial das preposições, independentemente do grau de funcionalidade/lexicalidade que detêm, embora seja particularmente frequente a omissão de *a* e *de*, enquanto marcadores de Caso (R. Gonçalves 2010). Veja-se (24 e 25-27a.):

- (24) Entrega \emptyset senhor uma cerveja.
(25) a. Tem que apanhar carro para chegar \emptyset Porto Alegre.
b. Isto é que é a conclusão \emptyset que se chegou [~~a conclusão~~].
- (26) a. Cada um fala \emptyset aquilo que ele imagina.
b. É uma coisa \emptyset que eu não gosto de falar [~~de uma coisa~~].
- (27) a. Entrou \emptyset pensão onde nós estávamos.
b. Há casa \emptyset que entra água [~~em casa~~].

O fenómeno da omissão da preposição na variedade são-tomense do português não é, contudo, singular no quadro da aquisição de L2, especialmente se o considerarmos no âmbito do processo de formação de relativas. Um dos principais desvios detectados em estudos de L2, no que diz respeito à aquisição da categoria P, é exactamente o fenómeno da sua omissão, designado por Klein (1993, 2001) como preposição nula. Segundo a autora, aprendentes do inglês L2 tendem a omitir preposições em contextos em que a sua presença é obrigatória, nomeadamente, em PPs subcategorizados por verbos, lexicalmente realizados à sua direita ou movidos em interrogativas ou relativas. Porém, Klein estabelece uma diferença nos desvios produzidos pelos aprendentes na

medida em que, se o falante não souber que o verbo seleciona um PP, a ausência de preposição não pode ser entendida como um fenómeno de preposição nula. Este apenas é reconhecido como tal se em interrogativas e/ou relativas a ausência de preposição (resultante da estratégia cortadora) for aceite e nas declarativas correspondentes for considerada agramatical.

Neste sentido, as cortadoras (casos de preposição nula) estão inequivocamente disponíveis no PE, no PB e no POCV. No POST, contudo, verifica-se um quadro instável: por um lado, os dados apontam para uma estratégia semelhante à das variedades anteriores; por outro, sendo que no POST há contextos em que os verbos subcategorizam DPs em vez de PPs, podemos considerar que há enunciados que não constituem verdadeiras cortadoras. Contraste-se os exemplos a. e b. acima (25-27).

A perda da categoria P no POST é efectivamente corroborada pela maior incidência de cortadoras nesta variedade, nomeadamente, em adjuntos temporais e/ou locativos, relativizados ou não. No caso dos adjuntos, como referido anteriormente, a preposição *em* é, claramente, a mais omitida, possivelmente por ser também a mais comum neste tipo de contextos¹³. Trata-se tipicamente de uma preposição locativa e comumente introdutora de adjuntos temporais.

- (28) a. Nasci \emptyset sessenta e sete.
b. Durante o tempo \emptyset que estive de férias [~~no tempo~~].
- (29) a. Há tudo aqui \emptyset S. Tomé.
b. S. Tomé é um país \emptyset que chove muito [~~em S. Tomé~~].

Neste sentido, assumindo que quando o elemento relativizado é categorialmente um DP e, como tal, a operação de formação da oração relativa não arrasta consigo nenhuma preposição, a análise dos contextos do POST entendidos como relativas cortadoras, à luz da norma do PE, deve ser perspectivada de diferente forma. A fixar-se a opção pela transitivização direta nas grelhas argumentais dos verbos da variedade são-tomense, os dados apresentados em (25-27) não constituem verdadeiras cortadoras, mas ilustram uma estratégia de formação de relativas até então singular no quadro das variedades do português e que na nossa análise designamos por pseudo-cortadoras.

Contrariamente ao POST, na variedade de Cabo Verde, assim como no PE (no PB e no PM), verifica-se, efectivamente, a manutenção das preposições nas grelhas argumentais dos verbos.

¹³ Note-se, no entanto, que a omissão da preposição *em* nos contextos de extracção não é um fenómeno recente nem uma especificidade do POST. Segundo Duarte (no prelo, p. 6), já no português antigo e no clássico a preposição *em* era suprimida (i), assim como em francês clássico (ii):

(i) e avia tall força que em todo homem **que** possesse a lamça nom lhe valia armadura que se lhe nom quebrasse... [IV Livro de Linhagens (apud José Joaquim Nunes, 1981:24). Século XIII]

(ii) Les jours **qu'**il faisait beau. [Flaubert, apud Grévisse 1993:1049]

- (30) Hoje vamos falar **de** tudo isso, na certeza de que do debate... (POCV)
 (31) Vamos fazer uma pequena pausa, para justamente dar a oportunidade **aos**
 nossos colegas da Praia... (POCV)
 (32) Eles gostaram **do** espectáculo. (PE)

As estratégias de formação de relativas, bem como os fenómenos a elas associados, permitem afastar a variedade são-tomense tanto do PE e do PB como do POCV. Este facto corrobora a hipótese de R. Gonçalves (2010), segundo a qual está em curso a emergência de uma variedade do português com propriedades distintas das variedades em contacto com línguas do grupo bantu (PM e PA) e inclusivamente de outras variedades em contacto com crioulos de base lexical portuguesa, como é o caso do POCV. Contribui igualmente para a validação desta hipótese a ocorrência da estratégia de cópia defetiva unicamente no POST. A estratégia de cópia defetiva caracteriza-se pela ocorrência de um pronome sem traços- ϕ de concordância com o seu antecedente no local da extracção-*wh* e à direita da preposição.

- (33) [_{Fem, Sing} Praia] que é onde os pescadores vivem [_{Masc, Sing} nele]. (POST)

Uma vez que a estratégia da cópia defetiva realiza sempre uma forma invariável com a informação morfológica da 3ª p/sing. (*ele*, nas variedades do português), existem casos ambíguos, como (34-35).

- (34) [_{Masc, Sing} Salário] também que ganho nesse buscato que fico [_{Masc, Sing} nele] (POST)
 (35) [_{Masc, Sing} Esse] que ele está [_{Masc, Sing} nele] aqui no Riboque, a gente paga agora duzentas mil dobra. (POST)

A ambiguidade nestes exemplos decorre do facto de, na estratégia de resumpção, o pronome *ele* também poder ocorrer como resumptivo quando o seu antecedente apresenta os mesmos traços- ϕ de concordância (singular e masculino).

Embora este trabalho não tenha por objeto a variação sociolinguística subjacente aos dados, verifica-se ainda, no POST, uma relação entre classe social/escolaridade e o uso das estratégias de *pied-piping*, de resumpção e de cópia defetiva, uma vez que estas estratégias são mais comuns em pessoas menos escolarizadas. A estratégia cortadora, por seu lado, ocorre de forma mais generalizada, tal como nas outras variedades.

5. As estratégias de relativização de PPs nos crioulos (CCV e forro)

Assumindo que uma língua pode exibir processos distintos de formação de orações relativas (cf. Comrie 1981) e que o contacto de línguas pode ter um papel na reestruturação linguística, apresentamos sumariamente as estratégias de relativização disponibilizadas pelos crioulos que competem com o português nos espaços geográficos em análise – CCV e forro.

5.1 CCV

O CCV apresenta várias estratégias de relativização de PPs, mas nenhuma delas envolve *pied-piping* de P, como (36).

- (36) *Kes mudjeris [ku k]’N papia bai parti.
os mulheres com que-eu falar ir partir
‘As mulheres com que eu falei foram-se embora.’

A língua disponibiliza, contudo, a estratégia cortadora, a de cópia defetiva e a resumptiva¹⁴, respetivamente, (37)-(39).

- (37) Kes mininu Ø k’N xinti pena [~~di mininu~~] satadja si ropa moku.
os menino que-eu sentir pena rasgar seu roupa todo
Lit.: ‘Os meninos que eu senti pena rasgaram a sua roupa toda.’

- (38) Bu dona djanta ku [kes mudjeris] ki Zé papia ku-[el] na festa.
seu avó jantar com os mulheres que Zé falar com-ele em festa
Lit.: ‘A tua avó jantou com as mulheres que o Zé falou com ele na festa.’

- (39) [Kes nobidadi] ki nu ka staba purparadu pa [es] dexa-nu duenti.
os novidade que nós não estar preparado para eles deixar-nos doente
Lit.: ‘As novidades que nós não estávamos preparados para eles deixaram-nos doentes.’

5.2 CST

O ponto de comparação com o português de S. Tomé é feito através do forro: por um lado, é o crioulo com maior expressão em S. Tomé e Príncipe; por outro, é o crioulo falado na área onde foram recolhidos os dados do POST. Do inventário de estratégias de relativização de PPs, o forro recorre à da cópia defetiva, tanto para argumentos, como para adjuntos.

- (40) a. San tê [inen mina nala san] ku ome ka pô fla ku [ê].
ela ter os filho lá seu que homem IPFV poder falar com ele
Lit. ‘Ela tem lá os seus filhos que os homens podem falar com ele.’
b. [Tudu kamyá] ku a ka futa n’[ê].
tudo lugar que IMP IPFV roubar em-ele
Lit. ‘Todos os lugares que se rouba nele.’

¹⁴ Enquanto em algumas línguas ou em determinadas construções a estratégia resumptiva é possível dentro de ilhas sintáticas, como (i), para salvar a derivação, esta estratégia encontrada fora de ilhas sintáticas nas relativas do CCV tem características distintas da resumptiva que ocorre dentro de ilhas.

Ilha de NP Complexo

(i) [A pessoa] que tu encontraste alguém que falaria com [ela] está doente. (PE)

Pelo seu carácter marcado, assumimos que existe uma relação entre estas estruturas do forro e a estratégia da cópia defetiva no POST (cf. fim da secção 4.3).

5.3 Síntese das estratégias de relativização de PPs nas variedades do português e nos crioulos

Apresenta-se em seguida um quadro que dá conta das estratégias de relativização atestadas nas variedades do português em análise comparativamente aos crioulos praticados em Cabo Verde e S. Tomé.

Estratégias de relativização de PPs	Variedades do Português			Crioulos	
	PE	PO CV	PO ST	CCV	CS T
Pied-piping	✓	✓	✓	*	*
Cortadora	✓	✓	✓	✓	*
Cópia defetiva	*	*	✓	✓	✓
Resumptiva (fora de ilhas)	✓	*	✓	✓	*

Quadro 3: Estratégias de relativização nas variedades do português e nos crioulos

5.4. Hipótese de *transfer* / princípios universais da gramática

5.4.1. A hipótese de *transfer*

Ao comparar os processos de relativização disponíveis nas variedades do português e nos crioulos, o Quadro 3 mostra que a hipótese de *transfer* se revela insuficiente para responder à diversidade de estratégias atestadas nas variedades africanas em observação. Desde logo, verifica-se que há ocorrência de *pied-piping* no POCV e no POST, embora este não se registre nos crioulos. Quanto às estratégias não-canónicas, embora o crioulo de Cabo Verde disponha da possibilidade de realização de cópia defetiva e de resumpção, estas não foram atestadas nos dados do POCV. Por sua vez, apesar de a única estratégia de relativização legitimada no forro ser a de cópia defetiva, esta estratégia tem pouca expressão no POST, onde também são legitimadas todas as outras. Esta conclusão coaduna-se com a de Brito (2002), que mostra que a influência do Bantu não é uma explicação satisfatória para a formação de relativas (genitivas) no PM. Note-se que esta generalização também se aplica a outros domínios, como por exemplo a cliticização. A forte tendência para ênclise em contextos verbais simples no PM contrasta com os padrões de prefixação das formas pronominais de objeto nas línguas Bantu.

Ainda no âmbito da influência do *transfer* no processo de formação de relativas, ao propormos a existência de pseudo-cortadoras no POST, resultante da reestruturação

das grelhas argumentais, consideramos que a generalização da transitivização direta poderá estar relacionada com a adopção de uma propriedade do forro durante o processo de aquisição do português L2. Tal influência nas propriedades de subcategorização verbal no POST manifesta-se quer em argumentos OI e OBL dependentes de verbos com equivalente semântico no crioulo, quer com verbos de que o crioulo efectivamente não dispõe, o que corrobora o facto de esta se tratar de uma propriedade generalizada. Convém frisar, no entanto, que o grau de *transfer* está dependente de um conjunto de variáveis sociolinguísticas. No estudo de Brandão (no prelo) sobre a concordância nominal no POST, por exemplo, fica claramente demonstrado que o factor nível de escolaridade dita o grau de convergência com a norma. Esta correlação também tem sido invocada com frequência para o PM (e.g. Moreno e Tuzine 1997).

5.4.2 Mudanças condicionadas por princípios gerais da gramática

Nesta secção apresentamos evidência para uma explicação de cariz universalista no que respeita aos fenómenos observados nas relativas de PPs do POCV e POST. Não obstante o papel relativamente limitado do input do PE (falado) na formação destas variedades, verifica-se que determinadas propriedades linguísticas no âmbito da relativização convergem com o que se pode observar em outras variedades de Português, independentemente de serem L1 ou L2.

Observa-se, em todas as variedades, uma generalização do uso do complementador *que* em detrimento dos pronomes relativos. Tal facto dever-se-á a uma preferência por relativizadores sem traços- ϕ de concordância, funcionando como categorias lexicais subespecificadas quanto ao traço semântico [referencial] e que contêm apenas informação categorial [+Wh, +D] (cf., especificamente, (17b.) para o POCV e (18a.) para o POST).

A estratégia cortadora também representa uma mudança convergente nas variedades do português (Faria & Duarte 1989; Brito 1995; Peres & Mória 1995 e Alexandre 2000, para o PE, Tarallo 1985; Kato 1993 e Kato *et al.* 1996, para o PB; Brito 2002, para o PM).

(41) As pessoas \emptyset que a gente tem mais intimidade... (PB, Kato *et al.* 1996:312)

(42) A pessoa \emptyset que eu mandei o recado não estava lá. (PM, Brito 2002:330)

A estratégia resumptiva, por fim, é igualmente uma propriedade partilhada nas variedades do português (Peres & Mória 1995 e Alexandre 2000, para o PE; Chimbutane 1996, Gonçalves 1996, Brito 2001 e 2002, para o PM; Kato *et al.* 1996, Grolla 2004, e Kato & Nunes 2009, para o PB).

(43) O livro que as folhas dele estão rasgadas. (PB, Kato *et al.* 1996:306)

Conclui-se que estes aspectos comuns a todas as variedades se enquadram numa estratégia mais ampla que se opõe à estratégia de *pied-piping* de P.

6. Considerações finais

Verificámos que as estratégias de relativização canónica e não canónica (P-chopping e resumpção) encontradas nas variedades nativas (PE e PB) também são atestadas no POST e no POCV (apenas a primeira), sendo a variação sobretudo uma questão de grau. A estratégia da cópia defetiva, detectada nos dados do POST, ainda não tinha sido observada em nenhuma variedade (L1/L2) do Português.

Defendemos que a ocorrência mais significativa de cortadoras no POST se deve à tendência para a reestruturação das grelhas argumentais nesta variedade, o que mostra que a convergência de estratégias em diferentes variedades pode não ter sido desencadeada pelas mesmas razões. Os dados das duas variedades em análise mostram igualmente que o papel do *transfer* não parece ser suficiente para descrever todas as mudanças observadas: as duas principais estratégias de relativização nos crioulos falados em Cabo Verde (Santiago) e S. Tomé e Príncipe, a cópia defetiva e a resumptiva são distintas das duas estratégias principais no POCV e no POST, o *pied-piping* e a cortadora. Por fim, salientamos que associadas às diferenças linguísticas apresentadas entre o POCV e o POST está um enredo complexo de factores de natureza sociolinguística e extra-linguística que ditou a emergência de uma variedade L1 em S. Tomé e Príncipe que se apresenta mais afastada da norma europeia do que o Português L2 falado em Cabo Verde.

Referências

- Alexandre, Nélia. 2000. *A estratégia resumptiva em relativas restritivas do português Europeu*, Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.
- Alexandre, Nélia. 2009. *Wh-Constructions in Cape Verdean creole: extensions of the theory of movement*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Alexandre, Nélia & Tjerk Hagemeijer. 2002. Pronomes resumptivos e abandono de preposição nos crioulos atlânticos de base lexical portuguesa. In *Actas do XVII Encontro Nacional da APL*, Lisboa: Colibri, pp. 17-29.
- Alexandre, Nélia & Tjerk Hagemeijer. no prelo. Os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné: uma comparação sintática. In Gabriel Antunes de Araújo (org.) *Cinco estudos sobre as línguas crioulas de base portuguesa do Atlântico*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Ambar, Manuela. 1992. *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. Lisboa: Colibri.
- Arim, Eva; Ramilo, M^a Celeste & Freitas. 2005. “Estratégias de relativização nos meios de comunicação social portugueses”, T. Freitas & A. Mendes (orgs.), *Actas do XIX ENAPL*, Lisboa: APL, 279-288.
- Bianchi, Valentina. 1999. On resumptive relatives and the theory of LF chains. *Quaderni del Laboratorio di Linguistica*, 12-13, Pisa: Scuola Normale Superiore, 79-99.
- Brandão, Sílvia. no prelo. Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências. *Revista Veredas*, 15:1.

- Brito, Ana Maria. 1991. *A sintaxe das orações relativas em português: estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*. INIC: Porto.
- Brito, Ana Maria. 1995. As orações relativas restritivas nas variantes culta e oral em quatro línguas românicas, com incidência especial em Português. In *Lusorama*, 27, pp. 70-81.
- Brito, Ana Maria. 2001. Relativas de genitivo no Português Europeu e no Português de Moçambique. In Clara Nunes Correia & Anabela Gonçalves (eds.) *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*, Lisboa: Colibri, pp. 115-129.
- Brito, Ana Maria. 2002. Relativas de genitivo “estranhas” no português de Moçambique: erros ou sinais de mudança?. In *As Ciências Sociais nos Espaços de Língua Portuguesa: Balanços e desafios: actas*, 2, Porto: FLUP, pp. 329-336.
- Brito, Ana Maria. 2008. Grammar variation in the expression of arguments: the case of the Portuguese Indirect Object. In *Phrasis*, vol. 2, 31-58.
- Chimbutane, Feliciano. 1996. A estratégia de pronome resumptivo na formação de orações relativas de OD e de OBL do português de Moçambique. In *Actas do XI Encontro Nacional da APL*, vol. III. Lisboa: Colibri, pp. 225-248.
- Comrie, Bernard. 1981. *Language universals and linguistic typology – syntax and morphology*, Mass.: Blackwell Publ.
- Duarte, Inês (no prelo) Variação sintáctica, aquisição e escolarização. In *2º Encontro de A Linguística na Formação de Professores de Português*, CLUP, Porto.
- Faria, Isabel Hub & Duarte, Inês. 1989. O paradoxo da variação: Aspectos do português europeu”. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 1, pp. 21-27.
- Gonçalves, Perpétua. 1996. *Português de Moçambique – uma variedade em formação*, Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.
- Gonçalves, Perpétua. 2005. A formação de variedades africanas do português: Argumentos para uma abordagem multidimensional”. In *A língua portuguesa: presente e futuro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 223-242.
- Gonçalves, Perpétua. 2010. A génese do Português de Moçambique. Lisboa: INCM.
- Gonçalves, Perpétua & Stroud, Christopher. 1998. *Panorama do português oral de Maputo – Vol. III. Estruturas gramaticais do português: problemas e exercícios*, Cadernos de Pesquisa, 27. Maputo: INDE.
- Gonçalves, Rita. 2010. *Propriedades de subcategorização verbal no português de São Tomé*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.
- Grolla, Elaine. 2004. Resumptive pronouns as last resort: implications for language acquisition”. In *Proceedings of the 28th Annual Penn Linguistics Colloquium*, Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, 11, 71-84.
- Kato, Mary & Nunes, Jairo. 2009. A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. In Jairo Nunes (ed.), *Minimalist essays in Brazilian Portuguese*. Amsterdam: John Benjamins Publ., pp. 93-120.

- Kato, Mary. 1993. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In Ian Roberts & Mary Kato (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, pp. 223-261.
- Kato, Mary; Braga, M. L.; Corrêa, V. R.; Rossi, M. A. & Sikansi, N. 1996. As construções-Q no português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In Ingedore G. V. Koch (org.) *Gramática do português falado*, vol. VI. Campinas, SP: Ed. Unicamp, pp. 303-368.
- Kayne, Richard. 1994. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge (MA): MIT Press.
- Kenedy, Eduardo. 2007. *A Antinaturalidade de Pied-Piping em Orações Relativas*. Diss. Dout., Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Klein, Elaine C. 1993. *Toward second language acquisition: a study of null-prep*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Klein, Elaine C. 2001. (Mis)construing null prepositions in L2 intergrammars: a commentary and proposal. *Second Language Research* 17(1), pp. 37-70.
- Moreno, Albertina & Tuzine, António. 1997. Distribuição social de variáveis linguísticas no português oral de Maputo. In Christopher Stroud & Perpétua Gonçalves (orgs), *Panorama do português oral de Maputo*. Vol II. Maputo: INDE, pp. 68-89.
- Nascimento, Augusto. 2000. *Relações de poder e quotidiano nas roças de S. Tomé e Príncipe: de finais de oitocentos a meados do presente século*. Dissertação de Doutorado, Universidade Nova de Lisboa.
- Peres, João & Mória, Telmo. 1995. *Áreas críticas da língua portuguesa*, Lisboa: Caminho.
- Tarallo, Fernando. 1985. "The filling of the gap: pro-drop rules in Brazilian Portuguese", in L. King & C. Maley, *Selected Papers from the XIIIth Linguistic Symposium on Romance Languages*, Amsterdam: John Benjamins Publ., 355-375.